

Parece que o tempo cresceu, porque estamos no momento.

O pensamento prevê e também acompanha a ação,
deixando lugar ao espírito, respeitando o tempo do corpo.

Respiramos.

Seres luminosos surpreendem-nos no caminho.

Brilhemos também!

Refletindo e renovando essa energia.

Movemo-nos por ideias, convicções e experiências que queremos partilhar e propagar.

O tempo cresce e encolhe.

Na mente de cada pessoa, como para a nossa espécie.

Sob a tirania do crescimento económico, o caminho das sociedades humanas é curto e sombrio.

A mecanização e a motorização excessivas impedem-nos de ser integralmente humanos, atrofiando a nossa força e o nosso vigor.

“O labor do nosso corpo e o trabalho das nossas mãos” (Arendt, 2001) é uma dualidade que está em desequilíbrio, à medida que as máquinas substituem o corpo. Esse desequilíbrio contribuiu para outro – o desequilíbrio do ecossistema que o Antropoceno provocou.

Até quando!? – é um grito de dor.

Nós queremos,

Nós precisamos que pare AGORA.

Vamos suster essa pergunta, como um nó na garganta e agir agora.

Amanhã, um dia de cada vez,

a cada curva, olhando o horizonte.

Em bicicleta, o nosso caminho, como espécie, será mais longo.

Em bicicleta, a vida humana e não humana terá mais saúde, mais cuidado e mais amor.

Em bicicleta, o tempo pode crescer...

democratizando-se o espaço urbano,

revitalizando-se todas as suas funções socioeconómicas,

religando o ilusório fosso que o neoliberalismo cavou entre economia e sociedade.

Para as religar, há que desacelerar!

Há que humanizar, dando espaço para que a solidariedade se construa. A solidariedade necessária para enfrentar as ameaças do Antropoceno¹, é bem mais fácil de gerar, se nos olharmos nos olhos. Se pudermos parar para cumprimentar o vizinho, ao passar – desacelerando e pousando os pés na terra.

Enquanto espécie, precisamos de desacelerar – a bicicleta é um transporte ideal para isso. Tecnologia convivial – cria apenas as necessidades que pode satisfazer (Illich, 1974), pois é feita à escala humana, movida a tração humana, é mecânica em simbiose com a biologia e a psique humanas, respeitando a espacialidade e a temporalidade dos corpos humanos e potenciando as suas capacidades.

Vamos continuar a pedalar para que esta ferramenta convivial seja considerada, na medida do seu efetivo potencial transformador, pelos decisores políticos e responsáveis institucionais, e que os velocípedes, nas suas múltiplas formas e funcionalidades, estejam acessíveis a todos e todas que deles queiram usufruir.

***Pela Direção da MUBi,
Vera Diogo***

Referências Bibliográficas

Arendt, H. (2001). *A Condição Humana*. (1ª edição 1958) Lisboa: Relógio D'Água.
Illich, I. (1974). *Energy and Equity*. Cuernavaca: Ideas in Progress.

¹ UNDP (2022). *New threats to human security in the Anthropocene. Demanding greater solidarity*.